

**POR UM ENSINO-  
APRENDIZAGEM DE  
GEOGRAFIA NO/DO  
SEMIÁRIDO**

*FOR TEACHING AND LEARNING  
GEOGRAPHY IN/OF THE  
SEMIARID*

*PARA UNA ENSEÑANZA-  
APRENDIZAJE DE LA GEOGRAFÍA  
EN/DEL SEMIÁRIDO*

**Leandro Vieira Cavalcante**

Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte (UFRN)

[leandro.cavalcante@ufrn.br](mailto:leandro.cavalcante@ufrn.br)

**Resumo:**

A partir de relato de experiência mediado por debate teórico-prático, discorre-se sobre perspectivas de ensino-aprendizagem de Geografia no/do Semiárido, mediante contribuições da chamada Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido. Nesse sentido, discute-se a necessidade e a importância de um ensino-aprendizagem de Geografia no/do Semiárido, para efetivamente contribuir com a produção de um conhecimento geograficamente situado que possibilite apreender essa região a partir de sua diversidade de relações, processos, dinâmicas, sujeitos, paisagens e territórios. Defende-se que reside também na Geografia a chave de leitura e tomada de consciência para a transformação do mundo, em particular nos rincões mais remotos do Semiárido, onde se observam experiências exitosas de uma educação portadora de sentidos e de práxis críticas e emancipatórias.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Educação Contextualizada, Convivência com o Semiárido, Geografia do Semiárido.

**Abstract:**

Based on a story of experience mediated by the theoretical-practical debate, perspectives for teaching and learning Geography in/from the Semiarid are discussed through contributions from the so-called Contextualized Education for Coexistence with the Semiarid. In this sense, the need for and importance of the teaching and learning of Geography in/from the Semiarid region are discussed to effectively contribute to the production of geographically located knowledge that allows us to understand this region based on its diversity of relationships, processes, dynamics, subjects, landscapes, and territories. It is argued that the key to reading and becoming aware of the transformation of the world also lies in Geography, particularly in the most remote corners of the Semiarid, where successful experiences of an education that carries meaning and critical and emancipatory praxis can be observed.

**Keywords:** Teaching Geography, Contextualized Education, Coexistence with the Semi-Arid, Geography of the Semiarid.

**Resumen:**

A partir de un relato de experiencia mediado por el debate teórico-práctico, se discuten perspectivas para la enseñanza y el aprendizaje de la Geografía en/desde el Semiárido, a través de aportes de la llamada Educación Contextualizada para la Convivencia con el Semiárido. En este sentido, se discute la necesidad e importancia de la enseñanza-aprendizaje de la Geografía en/desde la región Semiárida, para contribuir efectivamente a la producción de conocimientos geográficamente situados que permitan comprender esta región a partir de su diversidad de relaciones, procesos, dinámicas, sujetos, paisajes y territorios. Se sostiene que la clave para leer y tomar conciencia de la transformación del mundo también reside en la Geografía, particularmente en los rincones más remotos del Semiárido, donde se pueden observar experiencias exitosas de una educación portadora de significados y praxis crítica y emancipadora.

**Palabras-clave:** Enseñanza de Geografía, Educación Contextualizada, Convivencia con el Semiárido, Geografía del Semiárido.

## Introdução

Podemos considerar as práticas educativas gestadas desde o “chão da sala de aula” como portadoras de importantes instrumentos de transformação social que contribuem para potencializar o ensino-aprendizagem, valorizando o diálogo de saberes, as relações afetivas e a produção do conhecimento crítico, humanista e revolucionário. Pensadores como Paulo Freire (1967, 1968, 1992, 1996) e Carlos Brandão (1986, 2002, 2006), dentre outros(as), nos dão valiosas pistas para a produção e o fortalecimento de uma Educação Popular que dialogue com as demandas de nosso povo com base na liberdade, na consciência de classe e na construção de uma outra sociedade, mais justa, igualitária e fraterna.

Particularmente no Semiárido, uma porção do território brasileiro que se estende por grande parte do Nordeste e do norte de Minas Gerais, experiências exitosas vêm nos dando preciosas lições de como a Educação pode, efetivamente, ser utilizada como prática de liberdade e como um instrumento de resistência. Muitos(as) pensadores(as), a exemplo de Pimentel (2002) e Martins (2006), resumem essas experiências como “Educação Contextualizada”, realizada nos rincões do Semiárido a partir da atuação e mobilização da comunidade escolar, de organizações da sociedade civil e de movimentos sociais, capazes de produzir concepções e práticas educativas próprias ao contexto ambiental e social do Semiárido, como afirmam Silva, Souza e Cavalcante (2022).

Defendemos que a Educação Contextualizada no Semiárido é portadora, nos termos de hooks (2017, p. 11), de uma “pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial”. Isso ocorre porque a Educação Contextualizada, embasada nos princípios didáticos e políticos da Educação Popular, é

produzida no âmbito da luta de movimentos políticos em defesa da vida no Semiárido, no bojo da articulação social que, desde os anos 1980, defende um outro projeto de educação e de desenvolvimento para essa região, o qual seja capaz de alterar o quadro de negação de direitos sociais historicamente instaurado.

É nesse sentido que apresentamos este breve ensaio<sup>1</sup>. Ele foi redigido tomando como base notas de aula e pensamentos que vêm sendo registrados no percurso profissional do autor no âmbito de práticas didáticas e políticas realizadas desde o Semiárido, a partir de experiências acumuladas em escolas, universidades, comunidades rurais e organizações sociais do Ceará e do Rio Grande do Norte, onde realiza-se uma série de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Por meio desse relato de experiência mediado por um debate teórico-prático, discorre-se sobre algumas das perspectivas de ensino-aprendizagem de Geografia no/do Semiárido, mediante contribuições da Educação Contextualizada no Semiárido.

Dentre essas experiências acumuladas pelo autor, até o momento, destacam-se cinco principais: i) atuação como educador de Geografia na Escola Família Agrícola Jaguaribana, uma escola do campo comunitária e contextualizada, localizada em Tabuleiro do Norte/CE; ii) realização de atividades de ensino e extensão em escolas públicas de municípios cearenses e potiguares, onde pôde-se aplicar oficinas práticas alicerçadas na Educação Contextualizada; iii) atuação como assessor e educador popular de organizações da sociedade civil que trabalham com Educação Popular na perspectiva da Convivência com o Semiárido, como a Cárita Diocesana de Limoeiro do Norte/CE e de Caicó/RN; iv) oferta regular do

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma versão revisada e ampliada de capítulo originalmente publicado no livro “A natureza e a geografia no ensino das temáticas físico-naturais no território brasileiro” (Cavalcante, 2023).

componente curricular de Estudos Regionais do Semiárido, no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó; v) realização de ações de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do Grupo de Pesquisa Territórios do Semiárido (SEMIAR), por nós coordenado.

Esse conjunto de experiências acumuladas, a partir de um profícuo diálogo de saberes vivenciado em escolas, universidades, comunidades rurais e organizações sociais possibilitaram-nos uma vivência prática e cotidiana com a materialidade da Convivência com o Semiárido e, particularmente, da Educação Contextualizada. Esse envolvimento didático e político nos formou enquanto sujeito social e educador que exerce sua práxis com os “pés no chão”, cravados na realidade objetiva do Semiárido. Nesse sentido, defendemos que o relato de experiência aqui apresentado deve ser entendido também enquanto um instrumento metodológico de sistematização das experiências acumuladas, mas mediadas por um debate teórico e crítico-reflexivo que permite aprofundar a temática voltando-se para os processos de ensino-aprendizagem de Geografia.

### **Semiárido, Educação Contextualizada e Ensino de Geografia**

O Semiárido brasileiro é tradicionalmente associado a uma imagem estereotipada marcada pela presença da seca, da fome e da miséria, relacionado a um ambiente rústico e que não apresenta possibilidades de sobrevivência aos seus habitantes. Todavia, tal imagem não leva em conta toda a diversidade sociobiogeográfica expressa nos diferentes modos de ser e de viver no Semiárido, entendido enquanto território pleno de saberes e sentidos, com características ambientais, sociais e culturais que denotam a riqueza do lugar e a necessidade de produzir outras narrativas acerca de suas

características e sua pluralidade de relações social e territorialmente estabelecidas.

Esse entendimento se fortalece a partir de uma nova consciência sobre o que seria o Semiárido, pouco a pouco difundida nas escolas e nas universidades, por exemplo, através de ações alicerçadas no paradigma da Convivência com o Semiárido por meio de práticas didático-pedagógicas abalizadas pela chamada Educação Contextualizada. Tais práticas orientam as práxis educativas que reverberam em novos modos de ensinar e aprender Geografia, em particular no próprio Semiárido, o qual passa a ser ressignificado em função das especificidades inerentes ao seu contexto geográfico.

Para Silva (2010), as imagens amplamente divulgadas no imaginário nacional em filmes, novelas, livros, músicas, telejornais e revistas, reforçam a ideia do Semiárido enquanto sinônimo de “espaço-problema, terra das secas, região de fome e da miséria” (p. 83). Todavia, tais adjetivações são fruto de julgamentos superficiais sobre sua realidade que dão origem a uma narrativa estigmatizada da região, atendendo a interesses da elite política e econômica que reduzem o quadro de miséria e pobreza apenas aos condicionantes naturais e aos impactos da seca, ocultando a negação de direitos e a ausência de políticas públicas e de ações pautadas na convivência com o ambiente.

Ainda de acordo com o supracitado autor, “um dos pressupostos fundamentais para a convivência com o semi-árido é uma nova percepção que ajude a retirar as culpas atribuídas às condições naturais e enxergar o espaço do semi-árido como as suas características próprias” (p. 378). Silva (2003, p. 378) defende também que:

[...] a perspectiva da convivência requer e implica um processo cultural, de educação, de uma nova

aprendizagem sobre o meio ambiente, dos seus limites e potencialidades. Requer a constituição de novas formas de pensar, sentir e agir de acordo com o ambiente no qual se está inserido. Ou seja, a convivência envolve a percepção da complexidade e requer uma abordagem sistêmica do semi-árido brasileiro possibilitando a compreensão das dimensões geofísica, social, econômica, política e cultural.

A Convivência com o Semiárido pressupõe um conjunto de ações e relações que dialogam com a perspectiva do bem-viver na região, a partir de práticas que considerem os limites e as potencialidades do ambiente semiárido, assegurado por políticas públicas específicas<sup>2</sup>, tecnologias sociais de captação e armazenamento de água, universalização do acesso à terra e à água, garantias de saúde e educação de qualidade, geração de oportunidades de emprego e renda, difusão da agroecologia e economia solidária, participação das organizações sociais e comunitárias, manejo adequado dos bens naturais, acesso à cultura e às artes, dentre outras. Para tanto, é necessário que um “outro sentido de Semiárido” seja construído e fortalecido, a fim de contribuir com as mudanças de que a região precisa, pautadas na convivência e no respeito.

De acordo com Pereira (2016, p. 8), “sob a ótica das ideias de convivência com o semiárido, as representações territoriais tendem a mudar. Saem de cena as imagens de solos rachados e população faminta e sem água para dar lugar ao semiárido que, se bem cuidado, pode ser verde e produtivo”, mas sem negar a realidade objetiva que se faz presente no cenário regional. Dedicar-se à compreensão do

---

<sup>2</sup> A exemplo do Programa Cisternas, política pública responsável por implementar centenas de cisternas de captação e armazenamento de água no Semiárido, segundo discorrem Arsky (2020), Diniz, Santos e Rozendo (2022) e Cavalcante e Sousa (2022), entre outros(as).

Semiárido para além dos estereótipos historicamente estabelecidos é um “exercício de brasilidade”, como assegura Ab’Saber (1999), de modo a produzir conhecimentos que sejam verdadeiramente importantes e que levem a possibilidades reais de superação das injustiças que acometem a região, conforme defendido pelos povos e organizações sociais, com protagonismo, pertencimento e respeito às diferentes formas de ser, pensar, viver e sonhar no Semiárido.

Nesse sentido, o Semiárido precisa ser entendido, segundo Carvalho (2012), como um mosaico de distintos quadros sociais e ambientais, que configuram territórios diversos, complexos e multidimensionais sobrepostos pelos “contextos peculiares de sua gente e seus geoambientes”, os quais não podem ser reduzidos aos discursos de fatalidade climática, natureza hostil, comodismo social e alienação política. De acordo com Malvezzi (2007), o Semiárido deve ser apreendido a partir de uma visão holística de mundo, a considerar a diversidade de situações geográficas materializadas nos territórios, dotados de importantes singularidades que precisam ser amplamente evidenciadas e potencializadas como forma de construir e disseminar outras imagens da região.

É nesse contexto em que se inserem as contribuições da chamada Educação Contextualizada, entendida enquanto a dimensão pedagógica da Convivência com o Semiárido. Trata-se de uma “pedagogia decolonial”<sup>3</sup> ancorada no fortalecimento do pertencimento com a região e na valorização de práticas educativas que procuram dialogar com o meio no qual os educandos estão inseridos. Com isso, é possível promover uma educação que seja portadora de conhecimentos realmente emancipatórios e que estejam

---

<sup>3</sup> Nos termos de Mouján, Carvalho e Ramos Júnior (2020).



voltados para a construção da vida, como nos ensina Freire (1996), possibilitando trazer os discentes e a comunidade como um todo para o centro do processo pedagógico, ao considerar as especificidades dos territórios e a importância da educação para a transformação social dos sujeitos que (re)produzem sua existência no seio do Semiárido.

Nesse aspecto, e considerando o diálogo com a Geografia do Semiárido, a Educação Contextualizada possibilita o desenrolar de significativos processos dialógicos de construção de saberes, em que a relação com o meio passa a ser valorizada em detrimento de práticas que desconsideram a realidade local e as reais necessidades dos educandos, da comunidade e dos territórios, entendendo que a educação deve partir da experiência e das demandas dos sujeitos envolvidos no processo educativo, potencializando o ensino-aprendizagem. Há, portanto, a possibilidade de produzir novos conhecimentos que sejam realmente importantes e que tenham algum significado para os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Para tanto, mediante ações pautadas no ensino-aprendizagem de Geografia, é possível promover uma reflexão nos âmbitos escolar e universitário que evidencie as características que fazem do Semiárido um ambiente rico em potencialidades, inclusive potencialidades pedagógicas que o transformam num “ecossistema socioeducativo”, segundo defendido por Pimentel (2002) e Braga (2004). Considera-se que o ensino de Geografia necessita centrar-se num currículo que tenha como foco a relação com o meio, a partir de processos educativos que aproximem os discentes dos territórios e considerem os saberes populares e o diálogo entre universidade, escolas e comunidades, a partir de metodologias ativas que priorizem um ensino-aprendizagem de qualidade e que coadunem com as demandas do contexto social e ambiental no qual se encontra.

Particularmente na Educação Básica e no Ensino Superior, é importante que a Educação Contextualizada seja pautada no âmbito do debate acerca da Geografia do Semiárido, ao considerar toda uma diversidade de saberes que permeiam o ambiente e que necessitam dialogar com os conteúdos dos componentes curriculares diretamente vinculados a essa temática. Isso pode resultar na produção de novos conhecimentos sobre as limitações e potencialidades dessa região, contribuindo com a melhoria da formação humana e do desempenho escolar e acadêmico dos discentes.

### **Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido**

Conforme anunciado por Malvezzi (2007), a lógica da Convivência com o Semiárido foca a dimensão da vida em meio às condições socioambientais da região, a considerar seus limites e suas potencialidades, de modo a pressupor novas formas de aprender e lidar com esse ambiente a fim de alçar melhores condições de vida. Conforme esse autor, a Convivência com o Semiárido “[...] precisa começar dentro das escolas, modificando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia educativa e o próprio material didático” (p. 132). É aí que se inserem as contribuições da Educação Contextualizada, que extrapolam os limites dos espaços escolares e universitários e alcançam todas as esferas da vida em sociedade.

É nesse sentido, portanto, que devemos entender o Semiárido enquanto um “[...] ecossistema socioeducativo, ou seja, um espaço de aprendizagens, no qual ocorrem, cotidianamente, processos formativos na interação entre ser humano e natureza” (PIMENTEL, 2002, p. 54). Isso ocorre porque, segundo argumenta Pimentel (2002), é através das experiências vividas no processo educativo que os “sujeitos reconhecem novas possibilidades de sentir, pensar e agir no

Semiárido”, no sentido de fornecer as necessárias contribuições para o fortalecimento da Convivência com o Semiárido e para a garantia de uma vida mais digna e com direitos assegurados nesta região.

Isso se faz evidente a partir de uma tomada ampla de consciência sobre os problemas estruturais que acometem a região e seus possíveis mecanismos de superação, os quais passam pelo entendimento dos princípios e práticas da Convivência com o Semiárido transmitidos em espaços formais e não formais de ensino por meio de ações pedagógicas da Educação Contextualizada. Refletindo acerca disso, Ab’Saber (1999) defende que as soluções que garantiriam uma vida melhor no Semiárido dependem do nível de conhecimento sobre a região por seus próprios habitantes, ao assegurar que:

O começo das soluções mais substantivas para os problemas do homem e da sociedade no domínio dos sertões dependerá do nível de conhecimento da realidade regional. Não adiantam idéias salvadoras, elaboradas por uma mentalidade burguesa e distante, destinada quase sempre a alimentar argumentos dos demagogos e triturar recursos que deveriam ter destino social mais generoso (AB’SABER, 1999, p. 23).

É importante pontuar que a Educação Contextualizada já é uma realidade numa grande quantidade de espaços formais e não formais de ensino encontrados na região, onde é possível aplicar na prática os preceitos da Convivência com o Semiárido, de modo a fortalecê-la e aprimorá-la de acordo com as especificidades de cada local e com as demandas dos próprios sujeitos. Assim, a Educação Contextualizada se faz presente em inúmeras experiências que efetivamente evidenciam o sentido de uma educação no/do Semiárido, voltada para as demandas de sua gente e conforme as pautas defendidas pela sociedade civil organizada que busca por

mudanças paradigmáticas na região onde a educação de qualidade assuma uma posição central.

De acordo com Reis e Rocha (2019, p. 31), esse movimento vem se afirmando cada vez mais “como resultado de uma articulação de vontades que constituem a sinergia necessária para a efetivação de uma reversão da educação até então descontextualizada, colonizadora e reducionista do Semiárido”, onde os sentidos atribuídos à região “[...] funcionam como sustentáculos de uma lógica de dominação erigida por uma epistemologia que impossibilita a coexistência de diferentes formas de ser/estar/interagir no mundo” (RAMOS, 2017, p. 15). A Geografia, nesse aspecto, tem muito a contribuir, fornecendo os instrumentais necessários para a práxis contextualizada no Semiárido.

Dessa forma, a emergência de uma Educação Contextualizada realmente comprometida com a transformação do Semiárido surge como fundamental para a construção de um novo amanhã e para esperar horizontes possíveis de transformação social. Isso faz com que se constitua, em todo caso, uma Pedagogia da Esperança (Freire, 1992), reafirmada em cada experiência que questiona a ordem “natural” das coisas e aponta caminhos verdadeiramente capazes de fazer do Semiárido um local com mais oportunidades e igualdade de direitos, a começar pelo direito à educação, seja nas escolas e/ou nas universidades.

É necessário destacar que, antes mesmo das primeiras tentativas de inserção da Educação Contextualizada no Semiárido nos processos formais de ensino, adentrando aos espaços escolares, a mesma já orientava as práticas educativas de assessoria e extensão realizadas por organizações da sociedade civil e movimentos sociais junto a comunidades e grupos populares. Infere-se, portanto, que a

Educação Contextualizada é um instrumento que surge com as próprias concepções de Convivência com o Semiárido, moldadas a partir da defesa política de projetos outros de desenvolvimento na região, em que são consideradas as demandas efetivas de sua população, entre as quais insere-se a necessidade de processos dialógicos de produção e compartilhamento de saberes.

Tal concepção já estava presente quando da realização do I Seminário Educação no Contexto Semiárido Brasileiro, em 2000, em Juazeiro/BA, que resultou na criação da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB) no ano seguinte. Os princípios da Educação Contextualizada foram reafirmados na I Conferência Nacional de Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, realizada também em Juazeiro, em 2006. Neste encontro, organizado pela RESAB, evidenciou-se a diversidade de experiências contextualizadas praticadas na região e defendeu-se que:

A nossa luta por uma educação contextualizada para a convivência com o Semi-Árido decorre de longos processos em que se inscrevem diversas experiências de educação, governamentais e não-governamentais, formais e não-formais, situadas no Semi-Árido Brasileiro, que vêm fazendo inflexões curriculares e metodológicas e colocando importantes questões para fazer a educação do Semi-Árido vincular-se às formas de vida e às problemáticas aqui existentes (MALVEZZI, 2007, p. 132).

Logo, a Educação Contextualizada se faz presente em todos aqueles espaços onde o Semiárido é pautado a partir de uma perspectiva de educação que “[...] respeite e valorize os contextos, as identidades, a cultura e a diversidade dessa região, ou seja, que faça sentido na vida das pessoas e para o lugar onde elas vivem” (ASA, 2011, p. 27). Numa forte imbricação com a Educação Popular e a

Educação do Campo, a Educação Contextualizada assume um diferencial ao considerar os princípios da Convivência com o Semiárido como norteadores de seus processos pedagógicos de ensino-aprendizagem e de construção compartilhada de saberes e sentidos. Dentre as inúmeras experiências passíveis de serem observadas na região, evidencia-se aquelas realizadas em escolas centradas na contextualização dos conteúdos e das práticas pedagógicas.

São significativos os esforços realizados, por exemplo, nas Escolas Família Agrícola (EFAs), as quais estão pautadas na pedagogia da alternância, na educação popular, na agroecologia e na formação cidadã, com base nos preceitos da Educação Contextualizada e da Convivência com o Semiárido, que fazem desses espaços verdadeiros lócus de transformação social a partir de um processo educativo que emerge dos anseios e necessidades da população da própria região. Com base numa gestão comunitária dos processos pedagógicos e de funcionamento das escolas, as EFAs do Semiárido representam uma materialização dos esforços da construção da convivência pelas vias da educação.

Dentre as EFAs do Semiárido, destacam-se aquelas localizadas na Bahia, no Ceará (Figura 1) e no Piauí, com mais de 30 escolas, registrando-se também escolas (ativas e/ou inativas) no Rio Grande do Norte, em Sergipe, em Alagoas e no norte de Minas Gerais, configurando uma rede de espaços escolares contextualizados, onde o Semiárido assume lugar de destaque nos processos de ensino-aprendizagem. Para além de uma teoria, a Educação Contextualizada revela-se enquanto práxis.

**Figura 1: Momento de ensino-aprendizagem centrado em práticas da Educação Contextualizada na Escola Família Jaguaribana Zé Maria do Tomé (Tabuleiro do Norte/CE)**



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Essas iniciativas merecem ser destacadas considerando os grandes desafios da rede escolar do Semiárido, marcada pela presença de escolas sem a adequada infraestrutura e pela falta de material didático apropriado para implantar processos didático-pedagógicos inclusivos e inovadores. Além disso, verifica-se que ainda é elevado o percentual de educadores das escolas da região sem a formação adequada para a prática do magistério, o que dificulta a elaboração e execução de planos pedagógicos e de currículos contextualizados. Também deve ser considerado o meio social onde as crianças, jovens e adolescentes do Semiárido estão inseridos, quando muitos deles são obrigados a abandonar os estudos para trabalhar e complementar a renda familiar. Bem como, observa-se uma escassa valorização do trabalho docente e um insuficiente incentivo à formação continuada dos educadores.

Mesmo diante desses desafios, é possível identificar alguns avanços da Educação Contextualizada no Semiárido. Para além das

experiências exitosas realizadas nas EFAs, há também escolas municipais e estaduais onde essa concepção de educação orienta os currículos e os Projetos Político-Pedagógicos, bem como as práticas educativas e a formação de educadores. É o caso de escolas, por exemplo, localizadas nos Sertões de Crateús/Inhamuns e no Sertão Central, no Ceará, onde a Educação Contextualizada foi instituída enquanto política pública em pelo menos 15 municípios e passou-se a adotar os princípios da Convivência com o Semiárido enquanto centrais nos processos de ensino-aprendizagem, seja em escolas da zona rural, seja da zona urbana.

Inclusive, no Ceará, por meio do Projeto de Lei 18.164/22, a “Educação Contextualizada para o Semiárido” tornou-se lei estadual em 2022, a qual “possibilita que essas escolas vinculem, de forma mais orgânica e participativa, seus projetos pedagógicos aos seus alunos e realidades do contexto social e dos territórios em que estão inseridas”, conforme destacado pela Secretaria Estadual de Educação do Ceará (OPINIÃO, 2022). Esse é mais um exemplo que evidencia a articulação política em defesa da educação no Semiárido, a qual deve dialogar com os princípios da convivência e com as demandas dos sujeitos sociais que têm aí o lócus de sua existência.

### **Educação Contextualizada no Ensino-Aprendizagem de Geografia do Semiárido**

A Educação Contextualizada, como visto, está pautada num conjunto de práticas de ensino-aprendizagem que considera as especificidades próprias do Semiárido, a partir de atividades e metodologias orientadas para ações didático-pedagógicas voltadas para as particularidades desta porção do país, historicamente negligenciada por políticas públicas voltadas às necessidades da



população e, quando implementadas, bastante arraigadas às problemáticas de ordem climática.

Autores como Pimentel (2002), Braga (2004), Mattos (2004), Martins (2006), Malvezzi (2007), Silva, Dantas e Bueno (2009), Baptista e Campos (2013), Cunha, Santos e Pérez-Martin (2014), Kraus (2015), Andrade e Fernandes (2016), Silva, Araújo e Araújo (2018), Pacheco (2020) e Nascimento e Silva (2020), entre outros, defendem que por meio da contextualização é possível compreender o Semiárido em toda sua diversidade; a considerar também o intrínseco diálogo estabelecido com a Geografia e suas contribuições para o ensino-aprendizagem.

Braga (2004) e Malvezzi (2007) argumentam acerca da necessidade da produção de outros sentidos sobre o Semiárido, o qual deve considerar a diversidade de práticas educativas observadas no interior da região, carregadas de ensinamentos que devem guiar as ações de ensino realizadas não só na Educação Básica, como também no Ensino Superior. Inclusive, na grade curricular dos cursos de graduação em Geografia de instituições de ensino superior localizadas no Nordeste, por exemplo, o debate sobre o Semiárido é recorrente, perpassando por diferentes componentes curriculares e tratando-se de um conteúdo trans-inter-multi disciplinar. Isso implica também na adoção de metodologias que consigam abarcar a complexidade que é a Geografia do Semiárido.

Conforme defendido por Callai (2000, 2005), a construção do conhecimento geográfico deve partir do lugar, pois a partir daí os educandos têm as capacidades cognitivas suficientes para compreender o mundo a sua volta e fazer as devidas conexões espaciais que os levam a se perceber diante da complexidade social e ambiental na qual estão inseridos. A autora assegura que

compreender “o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem” (CALLAI, 2000, p. 72), haja vista que os lugares estão repletos de histórias e são formados por pessoas que necessitam compreender o papel que ocupam no mundo.

Ainda de acordo com Callai (2011, p. 129), “através da leitura do espaço o importante é ler o mundo, o que significa compreender aquelas informações que estão no cotidiano das pessoas contextualizadas, compreendendo o significado das formas que desenham as paisagens”. Isso é necessário para que seja possível produzir um *conhecimento geograficamente situado*, que parta da realidade objetiva vivenciada pelos discentes a partir de seus próprios mundos, sem desconsiderar a dimensão da totalidade. Não por menos, Callai (2000, 2005, 2011) vai defender que o lugar onde se vive é caracterizado pela experiência e pelo mundo vivido, cujo conhecimento deve abarcar esse cotidiano, o qual é um elemento chave para o ensino-aprendizagem de Geografia:

O conhecimento das potencialidades do lugar e das capacidades de ação das pessoas que ali vivem são condições fundamentais para o exercício de fazer do lugar aquilo que interesse a quem vive nele. Reconhecer que existem potencialidades no lugar e que as pessoas têm capacidades, muitas vezes para além do que lhes é exigido e até permitido, já é um passo na busca de construção de um lugar solidário para a vida de todos que ali vivem, mas acima de tudo é muito importante ter a compreensão do que está acontecendo, seja no lugar, seja no mundo. Essa busca gera necessariamente um processo de aprendizagem, com significado, para a vida particularizada de cada um e a vida, do/no conjunto da sociedade (CALLAI, 2011, p. 137).

É considerando as especificidades do lugar, enquanto mecanismo de produção de um *conhecimento geograficamente*

*situado no Semiárido*, que as práticas didático-pedagógicas de ensino-aprendizagem de Geografia centradas nos preceitos da Educação Contextualizada são planejadas e executadas. Para tanto, é necessário dispor de metodologias que levem os educandos a apreender o Semiárido em suas múltiplas dimensões, a fim de que, a partir do estudo do lugar, consigam fazer as conexões espaciais que lhes garantam o entendimento do mundo. Faz-se preciso, pois, um esforço didático-pedagógico para fazer com que o Semiárido seja compreendido, de fato, como um “ecossistema socioeducativo” de modo a dotar o ensino-aprendizagem de Geografia de sentido, independentemente do nível de escolaridade.

Isso passa pela necessidade de contextualizar os currículos conforme a realidade local, partindo das características geográficas do próprio Semiárido e tomando como uníssono suas dimensões ambientais, naturais, sociais, econômicas, políticas, culturais e territoriais. Nessa perspectiva, de acordo com Callai (2011, p. 133), estudar e aprender Geografia a partir da análise geográfica por meio da observação, análise e compreensão do mundo nos encaminha a discutir a nossa própria realidade, o que implica numa mudança de postura pedagógica que possibilite considerar o Semiárido como parte importante e indispensável do processo de ensino-aprendizagem, seja qual for os objetos do conhecimento que estejam sendo ministrados.

Há, desse modo, a necessidade de considerar a aplicação de metodologias diversificadas e adaptadas ao contexto semiárido, trabalhando com recursos e materiais encontrados no próprio ambiente e nos arredores dos espaços de ensino, envolvendo diretamente os educandos nas atividades didático-pedagógicas para que se tornem protagonistas de seu processo de ensino-

aprendizagem. Isso se dá a partir da mediação central da figura dos educadores, que devem ter consciência dos princípios da Educação Contextualizada e sua vinculação com o fortalecimento da Convivência com o Semiárido, para que possam conduzir com sucesso a construção e transmissão dos saberes indispensáveis à contextualização dos objetos do conhecimento.

Considerando que a Educação Contextualizada pressupõe a realização de uma série de atividades tomadas em conjunto, são inúmeras as práticas didático-pedagógicas que podem ser postas em evidência nas aulas de Geografia, as quais abarcam fenômenos que dizem respeito diretamente ao Semiárido ou focam em temáticas específicas, mas que estão em diálogo e interseção com demais conteúdos. A aplicação de atividades práticas, por exemplo, é um instrumental que potencializa os processos de ensino-aprendizagem contextualizados, possibilitando a efetiva participação dos discentes ao intercalar momentos de exposição teórica e de realização de oficinas práticas, mediadas pela construção compartilhada de saberes entre os sujeitos envolvidos na atividade.

Dentre as inúmeras possibilidades<sup>4</sup>, cita-se uma sequência didático-pedagógica voltada para o estudo dos solos do Semiárido, dialogando com os conteúdos de Pedologia e Geografia Agrária ministrados na Educação Básica e no Ensino Superior. Considera-se que o solo é componente essencial do ambiente semiárido, cuja importância é normalmente desconsiderada e pouco valorizada, mas que pode ser potencializada a partir de um processo educativo que

---

<sup>4</sup> Nas obras organizadas por Queiroz e Girão (2023) e Abreu e Alves (2023) há importantes exemplos de sequências didático-pedagógicas diretamente associadas a conteúdos e atividades práticas que podem ser realizadas sob o viés da Educação Contextualizada.

privilegie os princípios da Educação Contextualizada centrada na relação dialética e dialógica entre sociedade-natureza.

A sequência didático-pedagógica sobre essa temática pode ser distribuída em quatro momentos principais, a saber: i) Exposição teórica e debate acerca dos solos do Semiárido, através da realização de momentos formativos sobre as características dos solos da região, indicando suas potencialidades, limitações e fragilidades; ii) Realização de aulas de campo, mediante vivência no ambiente semiárido para observação e análise da paisagem, bem como para a coleta de amostras de solo pelos próprios discentes, de modo a contribuir com uma aproximação maior com a temática estudada; iii) Aplicação de atividades lúdicas, através da realização de oficinas práticas de produção de tinta à base de solo para subsidiar a elaboração de painéis artísticos e motivar reflexões sobre os diferentes usos do solo; iv) Realização de debates acerca das problemáticas observadas e as temáticas estudadas, resgatando os saberes coletivamente produzidos e gerando reflexões acerca do conteúdo, a fim de ressignificar o próprio Semiárido.

Com o estudo dos solos, por exemplo, é possível fazer um debate mais aprofundado acerca de sua importância para a manutenção da vida em sociedade, segundo observa Primavesi (2016), visto seu papel primordial na produção de alimentos e na preservação de mananciais hídricos, igualmente ameaçados pelo avanço da desertificação, da utilização de agrotóxicos, do desmatamento e das queimadas que degradam e fragilizam a vida dos solos do Semiárido. Discutir sobre os solos do/no Semiárido permite aprofundar o debate acerca de modelos alternativos que protejam o ecossistema local e as especificidades do território, centrados nos ensinamentos da agroecologia e das boas práticas

agrícolas, que nutrem as possibilidades de recuperação do solo e de manutenção da vida.

Com isso, pode-se motivar a reflexão sobre os solos do Semiárido entre os educandos com a intencionalidade de fomentar a produção de conhecimentos acerca de suas potencialidades e fragilidades e, a partir disso, investir em processos pedagógicos que permitam pensar em práticas que possibilitem recuperar os solos das localidades, em consonância com a Convivência com o Semiárido. Ao considerar práticas pedagógicas apoiadas na Educação Contextualizada, a exemplo da pintura com solo, é possível despertar a consciência crítica dos educandos para a problemática socioambiental contemporânea e, sobretudo, para a importância da agroecologia e da agrofloresta na conservação dos solos do Semiárido.

Apenas com esse exemplo, percebe-se que uma educação com foco no ensino contextualizado pode possibilitar um debate mais profundo sobre as características e os meios de conservar os bens naturais do Semiárido, diante de seu elevado grau de degradação após intensos usos pelas atividades agropecuárias em larga escala, que reduzem a capacidade de suporte do ambiente e limitam a reprodução das relações sociais. É importante trabalhar nessa perspectiva da Educação Contextualizada a fim de aprofundar o debate sobre a própria natureza do Semiárido, evidenciando a necessidade de difundir o papel que a Geografia exerce na tomada de consciência do mundo em que vivemos, orientada para uma ação prática que leve à transformação social.

### **Por um Ensino-Aprendizagem de Geografia no/do Semiárido**

Diante das contribuições brevemente tecidas neste ensaio, reafirma-se a necessidade e a importância de um ensino-

aprendizagem de Geografia no/do Semiárido, para que possa contribuir efetivamente com a produção de um *conhecimento geograficamente situado* que possibilite apreender o Semiárido a partir de sua diversidade de relações, processos, dinâmicas, sujeitos, paisagens e territórios. Reside também na Geografia a chave de leitura e tomada de consciência para a transformação do mundo, em particular nos rincões mais remotos do Semiárido, onde se observam experiências exitosas de uma educação portadora de sentidos e de práxis críticas e emancipatórias.

Nesse âmbito, cabe também à Geografia, seja ela Escolar ou Acadêmica, contribuir com o fortalecimento da Convivência com o Semiárido, ao transmitir e produzir conhecimentos necessários ao entendimento das limitações e potencialidades da região, abarcando as dimensões sociais e ambientais em uníssono e considerando os saberes que advém das experiências dos próprios sujeitos que constroem a sua vida nessa parcela do território brasileiro. Que possamos, portanto, fortalecer essa Geografia no/do Semiárido por meio de práticas didático-pedagógicas centradas nos princípios da Educação Contextualizada, os quais nos orientam fortemente para a produção de uma pedagogia da esperança alicerçada na geografia do amanhã.

## **Referências**

AB'SABER, Aziz. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 07-59, 1999.

ABREU, Roberto Cruz; ALVES, Rômulo Artur. **Seqüências didáticas** – Curso Educação Contextualizada e Semiárido Cearense. Fortaleza: Seduc, 2023.

ANDRADE, Jailton Santos; FERNANDES, Silvia Aparecida de Souza. A importância da educação contextualizada para o

desenvolvimento do Semiárido. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 19, n. 34, p. 157-178, 2016.

ARSKY, Igor da Costa. Os efeitos do Programa Cisternas no acesso à água no Semiárido. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 55, p. 408-432, 2020.

ASA, Articulação Semiárido Brasileiro. **Cisternas nas escolas**: uma conquista do povo do Semiárido. Recife: ASACom, 2011.

BAPTISTA, Naidison de Quintella; CAMPOS, Carlos Humberto. Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido. In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar (Org.). **Convivência com o Semiárido brasileiro**: autonomia e protagonismo social. Brasília: Editora IABS, 2013. p. 83- 96.

BRAGA, Osmar Rufino. Educação e convivência com o Semi-árido: uma introdução aos fundamentos do trabalho político-educativo. In: KÜSTER, Angela; MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello (Org.). **Educação no contexto do Semi-árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004. p. 27-46.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 72-112.

CALLAI, Helena. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CALLAI, Helena. **A Geografia Escolar** - e os conteúdos da Geografia. Anekumene, Bogotá, v. 1, n. 1, p. 128-139, 2011.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, território e convivência**: novas territorialidades no semiárido brasileiro. Jundiá: Paco Editorial, 2012.

CAVALCANTE, Leandro Vieira; SOUSA, Jackson Araujo. O desmonte das políticas públicas de convivência com o Semiárido pelo



governo Bolsonaro. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 59, p. 464-505, 2022.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. Convivência com o Semiárido e educação contextualizada: interseções no ensino-aprendizagem de Geografia. In: FALCÃO SOBRINHO, José; SOUZA, Carla Jucélia de Oliveira; ROSS, Jurandyr Luciano Sanches (Org.). **A natureza e a Geografia no ensino das temáticas físico-naturais no território brasileiro**. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2023. p. 244-260.

CUNHA, Andrews Rafael; SANTOS, Ana Paula Silva dos; PEREZ-MARTIN, Aldrin Martin. **Educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro**: debates atuais e estudos de caso. Campina Grande: INSA, 2014.

DINIZ, Paulo Cesar Oliveira; SANTOS, Christiane Fernandes dos; ROZENDO, Cimone. Acesso à água para consumo humano no semiárido brasileiro: desafios, tensões e perspectivas do programa “Um Milhão de Cisternas”. **Contemporânea**, São Carlos, v. 12, n. 1, p. 95-119, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF, 2017.

KRAUS, Lalita. A educação contextualizada no semiárido brasileiro: entre desconstrução de estereótipos e construção de uma nova territorialidade. **Revista de Geografia**, Recife, v. 32, n. 1, p. 26-40, 2015.

MALVEZZI, R. Semi-árido: uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

MARTINS, Josemar da Silva. **Tecendo a rede**: notícias críticas do trabalho de descolonização curricular no Semi-árido brasileiro e outras excedências. 2006. 344f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. Natureza e sociedade no semi-árido brasileiro: um processo de aprendizagem social? In: KÜSTER, Angela; MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello (Org.). **Educação no contexto do Semi-árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004. p. 69-87.

MOUJÁN, Inés Fernández; CARVALHO, Elson Santos Silva; RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio (Org.). **Pedagogias de(s)coloniais: saberes e fazeres**. Goiânia: CLASCO, 2020.

NASCIMENTO, Maria Juliana do; SILVA, Cícero Nilton Moreira da. O ensino de Geografia no contexto do Semiárido nordestino. **Revista de Geografia**, Recife, v. 37, n. 3, p. 47-64, 2020.

OPINIÃO, Direto ao Ponto. **Educação contextualizada e convivência com o semiárido**: sonho que virou lei no Ceará. 31 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.opinioaoce.com.br/educacao-contextualizada-sonho-que-virou-lei-no-ceara/>>

PACHECO, Clecia Simone. **Desafios y posibilidades de la geografía contextualizada en escuelas del semiárido brasileño**. Curitiba: Appris, 2020.

PEREIRA, Sidclay. As representações territoriais e o processo de gestão do semiárido brasileiro (Sertão), 1985-2016. **L'Ordinaire des Amériques**, Toulouse, n. 221, p. 1-12, 2016.

PIMENTEL, Álamo. **O elogio da convivência e suas pedagogias subterrâneas no semi-árido brasileiro**. 2002. 341f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

PRIMAVESI, Ana. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

QUEIROZ, Fábio José; GIRÃO, Ítalo Renan. **Educação e Semiárido: novos olhares, novos caminhos**. Fortaleza: Seduc, 2023.

RAMOS, Neila Cristina. As diretrizes curriculares da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido brasileiro: avaliação, materiais didáticos e questões raciais. In: ROCHA, Adma Hermenegildo et al (Org.). **Educação e contextualização: reflexões de um saber-fazer coletivo**. Curitiba: Editora CRV, 2017. p. 15-31.

REIS, Edmerson dos Santos; ROCHA, Adma Hermenegildo. A contextualização curricular insurgente no Semiárido brasileiro e a ressignificação dos saberes escolares. In: REIS, Edmerson dos Santos; TELES, Edilane Carvalho (Org.). **Contextualizar a educação, dar sentido aos saberes**. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 15-34.

SILVA, Adelaide Pereira da; DANTAS, Diego Nogueira; BUENO, Rovilson José. Construindo a Educação para a Convivência com o Semiárido. **OKARA: Geografia em Debate**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 108-127, 2009.

SILVA, Luana Patricia Costa; ARAÚJO, Albertina Maria Ribeiro; ARAÚJO, Alexandre Eduardo de. Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro como uma prática emancipadora. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 3, n. 1, 104-125, 2018.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, 2003.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o Semi-Árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Fortaleza: BNB, 2010.

SILVA, Roberto Marinho Alves da; SOUZA, Cimone Rozendo de; CAVALCANTE, Leandro Vieira. A pedagogia da convivência: concepções e práticas educativas no semiárido brasileiro. In: REIS, Edmerson dos Santos; VIEIRA, Josenilton Nunes; BORGES, João José de Santana. (Org.). **O paradigma cultural**: desafios contemporâneos à educação no semiárido brasileiro no século XXI. Curitiba: CRV, 2022. p. 41-60.

Submetido em: 26 de setembro de 2023

Devolvido para revisão em: 14 de novembro de 2023

Aprovado em: 19 de novembro de 2023

DOI10.62516/terra\_livre.2023.3179

COMO CITAR:

CAVALCANTE, L. V. Por um ensino-aprendizagem de Geografia no/do Semiárido. **Terra Livre**, São Paulo, ano 38, v.1, n. 60, jan-jun. 2023, p. 277-303. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3179>. Acesso em: dia/mês/ano.